

# INTERCÂMBIO SOBRE ÁGUAS TURBULENTAS: OS ANIOMA E O COMÉRCIO EM TEMPOS DE GUERRA COM BIAFRA, 1967-1970

Odigwe A. Nwaokocha<sup>1</sup>



## Introdução

A guerra Nigéria-Biafra foi travada entre o estado secessionista de Biafra e a Nigéria entre 1967 e 1970. A guerra testemunhou intensas lutas entre as duas partes para conquistar a vitória. Biafra lutou contra muitos desafios para sobreviver não apenas militarmente. Isso incluiu a tentativa do Governo Militar Federal nigeriano de contê-la economicamente, ao impor duramente um bloqueio que lhe privou de todos os bens, incluindo alimentos, necessários para sua sobrevivência. O objetivo federal era forçá-la a se render e a abandonar seu *status* proclamado como Estado. Reagindo à exigência da época, Biafra voltou-se para o oeste e negociou com o povo Anioma de uma forma que lhe permitiu adquirir itens necessários. Isso prolongou a guerra com seu inimigo nigeriano e estendeu sua sobrevivência. Existem muitas obras sobre a guerra Nigéria-Biafra (Achuzia 1986; Akpan 1976; Alabi-Isama 2013; Anwunah 2007; de St. Jorre 1972; Madiebo 1980; Obasanjo 1980; Ogbemudia 1991; Okocha 1994; Okocha 2012; Tamuno e Ukpabi 1989; Uchendu 2007). Uma foi de autoria de um funcionário público superior; cinco foram escritas por ex-soldados; duas por um jornalista e duas por historiadores profissionais. Eles disseram muito pouco sobre a economia em tempos de guerra e o comércio em ambos os lados da divisão. No entanto, alguns trabalhos se concentraram nas economias de ambos os lados durante

1 Departamento de História e Estudos Internacionais, University of Benin. Cidade do Benim, Nigéria. E-mail: odigwenwaokocha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3947-070X>.

a guerra (Aboyade e Ayida 1971, 15-37; Adisa 1984, 93-104; Nafziger 1972, 223-245; Ogbudimkpa 1985; Okigbo 1989, 201-212). Nenhuma dessas obras discutiu o comércio fronteiriço entre o povo Anioma e Biafra durante a guerra. Gloria Chuku (2002, 216-228) e Egodi Uchendu (2007, 135-145) discutiram, porém, aspectos do comércio transfronteiriço entre Biafra e os Anioma. Ambos estavam restritos ao papel das mulheres no comércio. Este trabalho visa fazer um exame geral do comércio, no que diz respeito ao povo Anioma.

É importante ressaltar que a antiga Região Oriental que se separou para formar a República de Biafra era dominada pelo grupo étnico Igbo. Porém, um subconjunto do grupo Igbo – o Anioma – vivia em uma parte da região centro-oeste e não fazia parte geograficamente de Biafra. Muitos deles, contudo, se sentiam cultural e historicamente afiliados a Biafra e assim, compartilhavam do sonho de Biafra e apoiavam ativamente a ideia. Uma parcela do povo Anioma foi morto nos assassinatos pré-guerra direcionados aos Igbo nas regiões norte e oeste da Nigéria, o que levou ao pensamento separatista que produziu a secessão e, eventualmente, a guerra (Agunyai 2005, Entrevista). Alguns militares de Anioma (ex-membros das forças armadas nigerianas) trocaram de lado e lutaram por Biafra contra a Nigéria durante a guerra (Nwaokocha 2019, 103-119). Outro aspecto de seu apoio a Biafra foi que as comunidades de Anioma na margem ocidental do rio Níger desempenharam um papel fundamental na relação econômica entre o território dos Anioma e Biafra durante a guerra Nigéria-Biafra. Começando de Ebu e Illah no norte até a área de Asaba-Ase e Onyaa ao sul de Aboh, a sobrevivência econômica de Biafra parcialmente repousou nas mãos de uma seção do território de Aniomaland. Outra parcela do povo Anioma que vivia no interior também estava envolvida no sustento econômico de Biafra. Isso foi feito através do comércio com Biafra durante a guerra civil nigeriana. Essencialmente, o comércio envolvia a movimentação de mercadorias em um tráfego unidirecional das comunidades de Anioma, do outro lado do Níger, até Biafra, no leste. Era um grande comércio com muitas dimensões. Infelizmente, o esboço geral do fenômeno; a natureza do comércio; a razão para o mesmo, bem como suas implicações e significados para Biafra, Nigéria e o povo Anioma, escapou da atenção da maioria dos discursos acadêmicos. É quase um território desconhecido. Como mostrado anteriormente, alguns trabalhos têm destacado aspectos do comércio. No entanto, eles são muito restritos pela escolha das mulheres comerciantes, e pela exclusão de seus homólogos masculinos, como ferramenta de análise. Ao mergulhar neste campo, este trabalho espera adicionar algo novo ao nosso entendimento da guerra civil nigeriana. O comércio tentou minar o bloqueio federal contra Biafra e por isso foi proibido em solo nigeriano. Foi, todavia, encorajado em

Biafra para o qual era um aspecto de desafio contínuo da autoridade federal e um voto para a sobrevivência nacional. Uma das principais características sobre o comércio é que, entre outros aspectos, ajudou a fortalecer a economia de Biafra e prolongou sua sobrevivência.

Devido à natureza do trabalho, este estudo emprega dados orais ao lado de outras fontes. Isso inclui entrevistas focadas em várias facetas do comércio em questão. Os dados orais foram obtidos a partir de entrevistas com nove informantes entre 2008 e 2012. No momento da entrevista, eles tinham entre 56 e 76 anos. Um informante não tinha educação primária. Seis dos informantes tinham ensino médio, enquanto três tinham ensino pós-secundário. Três eram servidores públicos aposentados; três eram professores chefes aposentados; dois eram empresários; um era líder comunitário e dois comerciantes. Dois deles eram mulheres. Todos os informantes eram residentes no território de Aniomaland durante a guerra. Todos são de ascendência Anioma. As entrevistas foram realizadas na língua igbo local e em inglês, gravadas e posteriormente transcritas.

## Localização do Território de Aniomaland e o Seu Povo

É importante notar que a guerra civil nigeriana foi essencialmente entre o grupo étnico Igbo e o resto da Nigéria. A maioria dos Igbo da Nigéria vive na antiga Região Oriental, que se separou para formar a República de Biafra em 30 de maio de 1967. Um subgrupo Igbo vive fora da antiga região leste no antigo centro-oeste. Eles são chamados de Anioma e a área que ocupam é chamada de “*Aniomaland*”. Os dois grupos estão separados um do outro pelo rio Níger. O nome Anioma para o grupo Igbo na margem ocidental do Níger nem sempre foi usado para eles e para a terra que ocupam. O nome tem sua própria história. Na verdade, é um termo novo que se diz ter sido implantado pela primeira vez para se referir ao povo e suas terras por volta de 1976 (Okocha 1994, xv).

A área conhecida como “*Aniomaland*” fica no meio da margem ocidental do baixo rio Níger, na Nigéria. Estende-se desde o eixo Onyaa ao sul até Ebu, ao norte do vale do Níger. Mais para cima e longe do vale do Níger, mas ainda no mesmo eixo, o território de Anioma vai até a vila de Anioma no clã Odiani. Aqui, o território tem uma fronteira comum com *Esanland* no Estado de Edo, assim como faz no eixo Ebu no vale do Níger. Em termos geográficos, a posição relativa da área de Anioma é a seguinte: é delimitada a leste pelo rio Níger, com os estados de Anambra e Imo localizados na

margem leste do rio. O território tem um enorme trecho de fronteira com o estado de Edo em seu eixo ocidental. No sudoeste, faz fronteira com Bomadi, Isoko-Sul, Isoko-Norte e Ughelli Norte, áreas do governo local do estado de Delta. A área também compartilha fronteiras com o estado de Edo ao longo de seu eixo norte.

O território moderno de Aniomaland tem nove áreas de governo local. Estes são Aniocha Norte, Aniocha Sul, Ika Norte e Ika Leste, Ndokwa Leste, Ndokwa Oeste, Oshimili Norte, Oshimili Sul e Ukwuani. Na época da guerra civil nigeriana, o território de Aniomaland tinha três divisões políticas, nomeadas Aboh, Aniocha e Ika. Por residirem na margem ocidental do rio Níger, isso implicou que o povo Anioma fosse chamado de “Igbo do Níger Oeste” em alguns círculos. Este termo descritivo foi empregado como um termo geográfico para diferenciá-los de outros subgrupos Igbo que viviam na margem oriental do Níger. Em um momento de sua história, o povo Anioma era chamado de “Igbo Ocidental”. Eles também foram chamados de ‘Ika Igbo’, ‘Igbo Ocidental’, ‘Igbo do Meio-Oeste’, ‘Bendel Igbo’ e atualmente alguns se referem a eles como ‘Delta Igbo’. A ideia por trás de serem chamados por esses nomes é diferenciá-los da maior parte dos Igbo da antiga Nigéria Oriental. Isso pode ser explicado pelo fato de que o território de Aniomaland esteve localizado na região oeste entre 1946 e 1963; no centro-oeste de 1963 a 1976. O centro-oeste foi rebatizado de Estado de Bendel em 1976, um nome que permaneceu até 1991, quando o Estado de Delta foi criado.

Em grande parte, o território de Aniomaland é marcado por florestas tropicais espessas unidas por palmeiras altas e elegantes. A área também é um lar natural para pântanos e manguezais em algumas de suas densas zonas úmidas ao redor do rio Níger. Isso é em direção ao seu extremo sul, particularmente seguindo o curso do Níger e seus pântanos suspensos à medida que o rio navega seu caminho para o mar. Estes pântanos são perceptíveis e partem dos arredores de Ebu e Illah na ponta norte do território através de Asaba, o clã Oko, estende-se até a área de Ibusa, Olodu, Ewulu, Abala-Oshimili, Utchi, Onuaboh, Okpai, Beneku, Aboh até a área de Asaba-Ase, Umuolu e Onyaa ao sul. Esse terreno pantanoso é atravessado por córregos, ribeiras e riachos, que são afluentes do rio Níger, no qual eles deságuam. Acessar essa parte do território de Aniomaland é um desafio por causa de seu terreno difícil. Em algumas áreas, o terreno pantanoso se estende cerca de cinco quilômetros para o interior das margens do Níger. Ele se estende, além dessa distância, no interior em uma direção ocidental à medida que o Níger se aproxima do mar. Essa parte pantanosa manifesta-se de tal forma que, ao redor de Utchi, Okapi, Beneku e Aboh, aumenta em extensão para uma faixa de cerca de

dez quilômetros para o interior. Esse terreno pantanoso era crítico para o comércio que constitui o assunto deste trabalho.

A maioria do povo de Anioma fala basicamente três dialetos diferentes da língua macro Igbo e dois outros dialetos de Iorubá e Igala. Em linhas gerais, são eles: Enuani (composto por Oshimili e Aniocha), Ika e Ukwuani ou Kwale. Os vários dialetos Igbo do Anioma são generalizados e praticamente todo o povo, incluindo os falantes de Olukwumi e Igala, entendem e falam Igbo. Então, Igbo é a língua geral dos Anioma. Estas três variantes do dialeto Anioma são faladas pelas três grandes entidades subculturais que compõem o que hoje é visto como o grupo Anioma na Nigéria. Suas identidades tornaram-se objeto de muitas discussões (Ijomah 2010, 13-18). No entanto, existem evidências de que a maioria do povo Anioma descende dos antigos Igbo e são considerados em muitos círculos como um grupo Igbo (Talbot 1969; Isichei 1976, 16; Ekechi 1971, 166-175; Onyekpeze 2003, 14-27; Ben Nwanne 2004, 294-375; Akeh-Osu 1992; Ejiofor 1982; Dike 1956, 25-26; Afigbo 1981, 17-24; Ohadike 1991; Ohadike 1994; Dievi 1992; Osia 2012, 122; Egwu 2009, 18 e 21). É instrutivo saber que, em sua classificação dos subgrupos Igbo e suas línguas, o etnógrafo P. A. Talbot se referiu ao grupo Anioma e seus dialetos coletivamente como 'Ika-Igbo' (1969, 39). Esta e outras afinidades culturais entre o território de Aniomaland e os Igbo através do rio Níger podem muito bem provar os fatos concretos de uma relação compartilhada e ininterrupta entre os Anioma e os Igbo Orientais. Isto é apenas fisicamente, mas não culturalmente pontuado pelo poderoso rio Níger. Muitas pessoas Anioma se viam como Igbo e outros grupos da Nigéria os viam como tal antes e durante a guerra civil nigeriana. Quando, por exemplo, o Governador Militar da Região Oriental dominada pelos Igbo, tenente-coronel Chukwuemeka Odumegwu-Ojukwu, proclamou a região como a República Independente de Biafra em 30 de maio de 1967, diferentes seções da comunidade Anioma, tanto interna quanto externamente, manifestaram-se com alegria e apoiaram a mudança tão tardia (Aniedue 2010, Entrevista; Otuya 2011, Entrevista). Isso explica como o território de Aniomaland e o seu povo entraram em cena na guerra civil nigeriana; lutaram maciçamente ao lado de Biafra e promoveram um comércio que sustentava o anseio de Biafra por mercadorias essenciais. Além da oportunidade de lucros proporcionados pelo comércio, o povo Anioma estava parcialmente envolvido no comércio por serem quem são: um grupo Igbo envolvido em relações socioculturais com seus amigos e parentes do outro lado do rio Níger, em Biafra.

## As Origens do Comércio

Antes da declaração de hostilidades em 6 de julho de 1967 que deu início à guerra Biafra-Nigéria, com a declaração do Estado de Biafra em 30 de maio de 1967, o governo militar federal da Nigéria impôs um bloqueio econômico à Biafra. Essa medida foi duramente implementada pelas tropas federais durante a guerra civil no país.

É importante notar que, como vizinhos separados pelo rio Níger, que apresentava uma barreira a qual estava repleta de canoas, os Anioma e os Igbo à leste do Níger haviam negociado por muito tempo antes da guerra civil nigeriana. As exigências da guerra civil que produziram o bloqueio federal tentaram obstruir esta conexão econômica testada pelo tempo. De certa forma, as pessoas de ambos os lados do Níger resistiram à tentativa de criminalizar um comércio de longa data que existia através do rio Níger por meio de canoas, já que a Ponte do Níger só foi encomendada para uso em 14 de dezembro de 1966. A determinação federal de impor a proibição das relações econômicas entre Biafra e a Nigéria significou tempos muito difíceis para Biafra e seus cidadãos. As queimadas e saques ao Mercado Principal de Onitsha em outubro de 1967 e a queda final de Onitsha em mãos federais em março de 1968 foram notícias muito ruins para Biafra do ponto de vista econômico. Onitsha era de importância econômica estratégica com seu enorme mercado e toneladas de mercadorias que teriam ajudado o esforço de guerra de Biafra e sua eventual sobrevivência. A perda foi muito desvantajosa. O centro-oeste tinha negociado livremente com Biafra quando estava sob ocupação desde 9 de agosto de 1967 até 4 de outubro, quando o último lote de forças motorizadas de Biafra recuou para o local a partir do centro-oeste. Mesmo quando a Ponte do Níger foi fechada pelas autoridades nigerianas como parte do bloqueio contra a Região Oriental por se separar da Nigéria, os Anioma e indiretamente o centro-oeste negociaram ativamente com Biafra, empregando canoas e barcos, com Asaba e Onitsha como terminais. A queda da maior parte do território de Aniomaland, incluindo Asaba em setembro/outubro de 1967, apresentou novos desafios que ameaçaram a sobrevivência de Biafra. Quando somada à perda de Bonny no início da guerra e Port Harcourt e Calabar posteriormente, que interromperam completamente o acesso de Biafra ao mar, seu colapso imaginado tornou-se quase palpável. À medida que o tamanho de Biafra encolheu, sua fortuna econômica diminuiu significativamente. Algo tinha que ser feito. O comércio em tempos de guerra aqui discutido foi um aspecto da resposta de Biafra a uma situação terrível. A necessidade da sobrevivência de Biafra diante da crescente escassez de todas as mercadorias essenciais, como remédios, produtos de limpeza e roupas, fez

com que Biafra recorresse a um novo tipo de comércio com seus vizinhos. O povo Anioma, que vivia do outro lado do Níger da fronteira ocidental de Biafra, era um desses vizinhos. Um mercado de *commodities* essenciais, conseqüentemente, cresceu em todo o Níger entre o povo de Aniomaland e seus vizinhos ao leste. A singularidade do comércio é sublinhada pelo fato de que foi considerado ilegal do lado nigeriano enquanto era legal do lado de Biafra e tão calorosamente recebido. Este sentimento caloroso em relação ao comércio foi compartilhado por seus vizinhos Anioma à oeste através do Níger. Para o governo federal, proibir relações econômicas com Biafra foi um aspecto vital da guerra. Para Biafra, romper com o bloqueio econômico tocado ao seu redor pelo governo federal não era apenas um desafio. Era uma parte intrínseca de sua luta pelo Estado e sobrevivência. Do lado nigeriano, onde o território do Aniomaland pertencia na guerra, o comércio era clandestino e conduzido com discrição. O comércio passou a ser conhecido por três nomes inter-relacionados: *ashia ataaak* (comércio de ataque); *ashia nmgbo* (comércio de balas de ataque) e *ashia nmgbuka* (comércio de leilões). A palavra *ashia* em todos os três denota comércio como *ashia*, *afia* ou *ahia* é a palavra Igbo para mercado, dependendo do dialeto da língua Igbo que se escolhe implantar.

## A Natureza do Comércio

O comércio envolvia o transporte de mercadorias essenciais de todos os tipos, a partir das comunidades ribeirinhas e interiores de Anioma, na margem ocidental do Níger, até seus homólogos Igbo na margem leste do mesmo rio. Os artigos de comércio incluíam alimentos, remédios, produtos petrolíferos, peças de reposição de automóveis e máquinas, tabaco, cigarros, roupas, sabão, cola, artigos de papelaria e jornais nigerianos (Oyana 2007, Entrevista). Tanto as moedas nigerianas quanto as de Biafra eram aceitas como ofertas legais.

Foi um comércio que envolveu os Anioma transportando grandes quantidades de mercadorias em pequenas remessas através do rio Níger com o uso de canoas e barcos para Biafra. Do lado de Anioma, a maior parte do comércio foi conduzida sobre trilhas de mato intransponíveis empregando o uso de bicicletas e cerâmicas de cabeça, bem como canoas para atravessar inúmeros corpos d'água no caminho mesmo antes do enorme rio Níger que separava o território dos Anioma de Biafra. Como os laços com Biafra eram estritamente proibidos após os termos do bloqueio federal contra Biafra, o comércio constituía contato ilegal e contrabando de mercadorias para Biafra pelo povo de Anioma. Os participantes do comércio conduziram negócios

em zonas de guerra e linhas de frente de guerra. Balas voavam e a morte era comum. Oyana, que participou do comércio, lembrou-se de mais de dez comerciantes que morreram (Oyana 2007, Entrevista). Olise, que era ele mesmo um comerciante, ainda lembrou que cinco de seus colegas comerciantes foram baleados por tropas federais (2010, Entrevista). O fato de o comércio ter sido acompanhado pela possibilidade de morte explica por que o comércio foi marcado como *ashia ataak* (comércio de ataque) e *ashia nmgbho* durante a guerra (comércio de balas) em alguns círculos, pois ambas as frases foram empregadas como termos descritivos para capturar a natureza do comércio. A natureza arriscada do comércio conduzido através das linhas inimigas e sua necessidade para Biafra levou Gloria Chuku a rotulá-lo “...um comércio de vida ou morte, mas um fruto da necessidade” (2002, 220).

As comunidades envolvidas no comércio do lado de Anioma foram Illah, Asaba, Ibusa, Ogwashi-Uku, Ewulu, Olodu, Akpako, Osis, Iselegu, Afor, Inyi, Oko-Ogbele e Utchi. Abala-Oshimili, Abala-Unor, Obalagada, Okapi, Beneku e Aboh. No interior, Obiarukwu e Agbor também estavam envolvidos como mercados de bens para abastecimento. No lado oriental recebendo os artigos de comércio estavam comerciantes em Atani, Idenmili, Umunankwo e Osomala (Dike 2008, Entrevista).

Algumas das rotas comerciais conhecidas sobre as quais o comércio foi realizado são as seguintes: Agbor-Issele Uku-Illah e Otuocha em Biafra (Nwose 2009, Entrevista); Agbor-Ogwashi Uku-Ewulu, Isheagu Abala Oshimili e Atani em Biafra (Ofili 2009, Entrevista); Obiarukwu-Iselegu-Inyi-Utchi e Umunankwo em Biafra (Olise 2010, Entrevista); e as rotas Agbor-Issele Uku-Issele Azagba-Ibusa-Olodu-Abala Oshimili e Atani nas rotas de Biafra (Oyana 2007, Interview). Outras rotas foram Agbor-Ogwashi Uku-Ibusa-Okogbele-Osomala (em Biafra) (Oyana 2007, Entrevista); Agbor-Issele Azagba-Ibusa-Okogbele-Osomala em Biafra (Uchendu 2007, 141); Agbor-Issele Azagba-Okpanam-Anwai perto de Asaba-Ekempu e Anam (em Biafra) (Uchendu 2007, 141) e a rota Obiarukwu-Utagba Ogbe-Obikwele-Okpai-Abala e Atani (em Biafra) (Uchendu 2007, 141). Como mostrado pelas rotas comerciais, Agbor do lado de Anioma e Atani do lado de Biafra estavam fortemente envolvidos no comércio. No entanto, isso não deve ser levado a significar que as rotas eram constantes. Elas, na verdade, variaram de acordo com as dinâmicas da guerra e a necessidade de se evitar forças federais do lado de Anioma com a intenção de parar o comércio. Essa dinâmica de mudança do comércio de acordo com a intensidade da guerra pode ser exemplificada a partir do fim de Asaba como um grande empório do comércio e o surgimento de Isheagu no interior como o novo centro.



A imposição do governo federal de um bloqueio econômico em Biafra significou uma ruptura econômica que o governo federal ferozmente impôs. O governo regional do Centro-Oeste ajudou a impor o bloqueio econômico (*Daily Times* 1967, 4-5). A eventual obstrução da Ponte do Níger após a declaração de Biafra em 30 de maio de 1967 não poderia parar o comércio entre o povo de Anioma e seus amigos e parentes na nova Biafra. Os dois grupos recorreram a outros meios para continuar suas atividades comerciais. Neste sentido, o antigo e anteriormente abandonado cais de Asaba no Níger que havia atuado como um ponto de apoio para o transporte fluvial entre o Centro-Oeste e o Leste antes do comissionamento da Ponte do Níger que ligava as duas regiões através de Asaba e Onitsha para uso, foi chamado de volta à ação como um porto comercial (Enemoh 1999, 227). Este comércio continuou sem impedimentos nos estágios iniciais da guerra, tanto através do cais quanto principalmente por meio da Ponte do Níger, que foi aberta pelas forças de Biafra em sua invasão do Centro-Oeste em 9 de agosto de 1967 e permaneceu aberta ao tráfego até Asaba cair para as forças federais em 4 de outubro de 1967. No dia seguinte, dois vãos da Ponte Níger no final de Onitsha foram explodidos, tornando a ponte inutilizável. Permaneceu assim até ser reconstruída em 1972, dois anos após o fim da guerra.

A conquista militar federal de grande parte do território de Aniomaland em setembro/outubro de 1967 e a expulsão da maioria das forças de Biafra de Aniomaland e as ligações comerciais oficiais entre ela e Biafra não impediram o comércio. Ela apenas mudou a localização de seus centros. Com a queda de Asaba e a enorme presença de forças federais na cidade, esta deixou de ser um empório para o comércio transfronteiriço. Preocupações de segurança empurraram as atividades comerciais para um local mais oculto no interior de Anioma. Esse desenvolvimento criou a rota Isheagu-Abala Oshimili-Okoko Ogbele-Osomala, entre outras, como novos caminhos para o transporte de mercadorias para Biafra. A importância geoestratégica de Isheagu no comércio foi reforçada no final de março de 1968 com a queda de Onitsha após três tentativas fracassadas pelas forças da Segunda Divisão do Exército nigeriano sob o comando do tenente-coronel Murtala Mohammed para capturar Onitsha através da travessia do rio Níger a partir de Asaba.

O comércio era de importância estratégica para o povo de Biafra. Sua sobrevivência e a de seu Estado eram consideravelmente dependentes de seu destino. O bloqueio econômico garantiu que Biafra não tivesse o que precisava para sobreviver. A escassez de praticamente tudo o que era essencial significava que Biafra vivia com o tempo contado. À medida que o tamanho territorial de Biafra encolhia, a situação piorava e o tempo contado estava sendo profundamente esgotado. Biafra entrou em apuros a partir de março

de 1968, quando perdeu quase todas as suas principais cidades, incluindo Enugu e Onitsha. Devido ao fato de que ela também enfrentou sérios retrocessos militares em todos os lados concebíveis, a importância do comércio com Anioma em todo o Níger cresceu. Para os militares de Biafra, os suprimentos médicos, particularmente os antibióticos, eram de extrema importância. Eles foram críticos no tratamento dos soldados feridos de Biafra. Para Biafra, portanto, era uma situação desesperadora. Do lado federal, o policiamento em todos os lugares para garantir que o bloqueio fosse ultra-eficaz era um dos principais componentes da estratégia de guerra geral. Era uma arma de guerra sem munição. Biafra precisava do comércio para a sobrevivência do Estado e para o bem-estar de seu povo. Para ela, portanto, a importância do comércio não poderia ser super enfatizada. Mas o comércio enfrentou obstáculos estorcedores. O lado federal precisava apagá-lo para manter as vantagens conferidas a ela pelo estrangulamento do bloqueio econômico imposto a Biafra.

A natureza do comércio era tal que as pessoas envolvidas nele o conduziam em zonas de guerra e iam para o fronte de guerra às vezes para conduzir o negócio de compra e venda. O chefe Otuya mencionou que muitos dos comerciantes foram baleados no processo (Otuya 2011, Entrevista). É importante notar que, além do risco de levar um tiro no front de guerra, o terreno em que o negócio foi conduzido se tornou duplamente arriscado para os participantes. Era um comércio realizado através dos rios e, na maioria das vezes, os comerciantes tinham que atravessar muitos rios para chegar aos destinos desejados (Oyana 2007, Entrevista). O fator de risco era bastante alto e se afogar nunca foi uma possibilidade distante. Na verdade, um Oduko de Illah foi supostamente empurrado de uma canoa por seus companheiros por causa de alguns desentendimentos no curso do comércio no rio Níger. Ele se afogou e seu corpo nunca foi encontrado (Okoh 2012, Entrevista). Apesar dos perigos envolvidos, muitos jovens de Anioma da época se envolveram no comércio. Muitas dessas pessoas foram baleadas por tropas federais por ajudar Biafra (Dike 2008, Entrevista).

## Motivações dos Anioma para Participar do Comércio

Visando vencer a guerra através de um bloqueio econômico efetivo de Biafra, as autoridades federais impuseram a pena de morte instantânea a qualquer um que fosse encontrado em negociação com Biafra. Os comerciantes de Anioma envolvidos no comércio sabiam disso. Um deles lembrou que alguns de seus parceiros foram pegos no processo de transporte de mercado-

rias para Biafra e foram baleados por tropas federais (Olise 2010, Entrevista). Apesar disso, o comércio era popular e atraía enorme patrocínio. A razão para isso pode não ter sido desconectada da natureza lucrativa do comércio. De acordo com duas pessoas que participaram ativamente do comércio em sua juventude, a margem de lucro para o menor artigo vendido foi de mais de duzentos por cento (Oyana 2007, Entrevista).

A atração de enormes lucros colhidos pelo comércio foi parcialmente responsável pelo entusiasmo com que foi abraçado por alguns jovens e corajosos homens e mulheres Anioma. No entanto, enquanto a atração de lucro surgia como uma grande motivação para participar do comércio, havia outros fatores de pressão para os comerciantes. Alguns partidários de Anioma eram muito ativos no comércio, que eles consideravam parte integrante da guerra. Para eles, o comércio representou uma oportunidade para minar a tentativa federal de esmagar Biafra. Era sua maneira de ajudar os companheiros Igbo do outro lado do rio Níger em Biafra a vencer a fome, a inanição e a carência geral ocasionadas por exigências em tempo de guerra (Oyana 2007, Entrevista; Olise 2010, Entrevista). A dimensão étnica do comércio foi fundamental no fanatismo com que alguns dos comerciantes perseguiram o comércio. Era de se esperar que, com o tratamento brutal encaminhado a Isheagu e seus habitantes por hospedar um componente importante do comércio transfronteiriço, este teria se esgotado completamente por medo de represálias das autoridades federais. Isso, no entanto, não aconteceu. A determinação dos comerciantes de Anioma de continuar com o comércio, apesar dos apelos das autoridades do exército federal, foi bastante frustrante para as forças governamentais (*Nigerian Observer* 8 de junho de 1968, 3; *Nigerian Observer* 9 de julho de 1968, 3).

## A Organização do Comércio no Território de Aniomaland

O *ashia ataaak* entre os Anioma e Biafra foi organizado em uma sequência tão longa que o levou para além do território de Aniomaland. Além de dizer que era bem organizado, a cadeia do comércio ia até o interior, para a Cidade do Benim e Warri em duas direções diferentes. Em ambos os casos, Agbor e Obiarukwu foram fundamentais e estavam no centro. Os “verdadeiros comerciantes” adquiriram a maioria de seus produtos dos enormes mercados em tempos de guerra que cresceram em ambas as cidades. Esses comerciantes que viviam perto da área ribeirinha, por sua vez, vendiam para os cidadãos de Biafra, que vinham do outro lado do Níger. É importante ressaltar que muitos comerciantes cruzaram o Níger para as áreas ribeiri-

nhas de Aniomaland para comprar mercadorias e transportar de volta para Biafra. Poucos comerciantes de Anioma foram conhecidos por terem atravessado o Níger para Biafra para vender mercadorias. Era uma retransmissão econômica muito poderosa com artigos de comércio como bastões. Com o tempo, particularmente com o mercado Onitsha em ruínas e após a captura de Onitsha pelas tropas federais em 31 de março de 1968, após três tentativas desastrosas anteriores, Isheagu emergiu como um enorme mercado no comércio entre o território de Aniomaland e Biafra. O destino que se abateu sobre Isheagu em 2 de maio de 1968, quando a cidade foi queimada e muitos foram mortos, foi em parte devido ao seu suposto papel no comércio através do Níger (Okocha 1994, 125-127).

## O Comércio e o Ataque Federal a Isheagu

Uma das consequências do comércio e uma resposta das autoridades federais para parar o comércio foi o saque de Isheagu pelas forças federais. O surgimento de Isheagu como um grande centro econômico em tempos de guerra em Aniomaland pode ser relacionado aos desenvolvimentos fora de Aniomaland, mas não completamente desconectado de seu papel na guerra civil nigeriana. Em uma reviravolta que não é facilmente explicada, o surgimento de Isheagu como um grande depósito comercial entre o povo Anioma pode ser rastreado até o que aconteceu através do rio Níger em Onitsha. Em 12 de outubro de 1967, quando tropas federais fizeram sua primeira tentativa de invadir Onitsha por barcos de Asaba, o Mercado Principal de Onitsha tornou-se uma ruína ardente. Foi saqueado e incendiado pelas tropas federais antes de sua retirada forçada pelo Níger para Asaba devido à dura oposição das tropas de Biafra estacionadas em Onitsha sob o comando do Coronel Conrad Nwawo. A destruição do mercado de Onitsha e a subsequente perda de Onitsha para os federais em março de 1968 foi um grande golpe para o centro de Biafra. É duvidoso se ela se recuperou daquele retrocesso. Sem Onitsha, um grande reservatório de produtos que poderia servir como amortecedor econômico de Biafra estava prostrado.

De um ângulo de sobrevivência puramente estratégico, o comércio de bens essenciais de qualquer lugar era crucial para a sobrevivência de Biafra. Entre o final de março e o início de maio de 1968, a reputação de Isheagu como o novo mercado para todos os itens essenciais cresceu e explodiu a um nível no qual não poderia mais continuar a ser ignorada pelo exército federal. Ela havia emergido como o principal foco de negociação e os comerciantes envolvidos no comércio de provisão de Biafra de ambos os lados do Níger

se reuniam em Isheagu para comprar e vender. Outro desafio para as tropas federais foi que, enquanto a compra e venda normal da maioria das mercadorias que acabaram através do Níger ocorriam durante o dia, a difícil travessia de canoa e bicicleta para longe da área de controle federal e para Biafra ocorriam sobre terrenos difíceis à noite (Unoshai 2009, Entrevista). Era secreto e bem organizado. O mercado em expansão em Isheagu também se tornou perigoso em termos militares, já que muitos comerciantes de Biafra se reuniram lá de uma maneira que comprometeu a segurança das tropas federais estacionadas por lá. Pessoas desconhecidas suspeitas de serem partidárias de Biafra plantaram uma bomba que matou muitas tropas federais perto da junção de Nsukwa dentro da delegacia da comunidade (Unoshai 2009, Entrevista). O Exército nigeriano assistiu em total consternação à medida que estes desenvolvimentos, em grande parte desfavoráveis, se desenrolavam. Incapazes de ter acesso ao interior entre Isheagu e o Níger porque era difícil de alcançar e estavam principalmente nas mãos de Biafra, as tropas federais decidiram resolver o assunto com suas próprias mãos. Isheagu, portanto, junto com seu mercado, teve que parar o comércio com tudo o que significava para Biafra e sua presença militar sub-reptícia na área. A comunidade foi, conseqüentemente, atacada em 2 de maio de 1968. Do ponto de vista federal, o ataque a Isheagu foi, portanto, uma repressão a algumas atividades clandestinas que se passavam pela cidade. O ataque a Isheagu conseguiu parar o comércio em expansão através do Níger com a cidade como uma grande base de operações. O mercado e a própria cidade foram saqueados enquanto o tradicional governante da cidade foi supostamente enterrado vivo por forças federais (Okocha 1994, 104). No entanto, ele fez pouco mais e não conseguiu impedir que o comércio continuasse. Este continuou até o fim da guerra em 1970 (Olise 2010, Entrevista).

A destituição de Isheagu teve como consequência a transferência do centro comercial para o interior, para uma direção mais ocidental a Nsukwa. Desta vez, os comerciantes evitaram a destruição de Isheagu, mas ainda ligados a uma antiga rota que passava por Abala, Oko-Ogbele até Atani, a qual havia sido roteada por Isheagu. Desta vez, as tropas federais não podiam fazer muito, pois tinham assumido erroneamente que Isheagu era a única cidade de Anioma que era uma âncora de comércio com Biafra (Uchendu 2007, 141). Eles não conseguiram entender que o comércio era muito mais difundido entre o povo Anioma por muitas razões, incluindo laços fraternais com Biafra, que nenhuma presença militar pesada poderia apagar e jogar no ar.

Além de parar o comércio clandestino, a intenção federal de remover Isheagu e seus arredores da esfera de influência de Biafra não foi alcançada. Os enclaves de Biafra ficavam em um longo trecho de terra a leste de Ishe-

agu e outras comunidades vizinhas ao norte e ao sul. Em junho de 1968, enquanto o povo de Biafra estava na ofensiva para recuperar Onitsha, eles se lançaram naquela parte do território de Aniomaland com sua 11<sup>th</sup> Divisão sob o comando do Coronel Ogbu Kanu de Atani através do Níger no Leste. A ideia era que a força se movesse para o noroeste a fim de capturar lugares como Oko, Ibusa, Ogwashi-uku e seus arredores (Madiebo 1980, 256-259). Algumas semanas após o saque de Isheagu e a destruição física de um mercado que havia ministrado as melhores necessidades da economia de Biafra e sobrevivência nacional, é difícil não imaginar que essas incursões de junho naquela parte pantanosa de Aniomaland não eram uma tentativa de Biafra de manter as rotas comerciais abertas e proteger o interesse nacional de Biafra em torno do território de Aniomaland. Se foi coincidência, é algo muito poderoso para ignorar.

## Alguns Resultados do Comércio de Anioma em Tempos de Guerra com Biafra

O chefe Paul Otuya nos informou que em algumas partes de Ukwuani, o comércio cresceu enquanto a área estava sob controle de Biafra durante a maior parte da guerra. Isso foi particularmente verdade para comunidades remotas por trás do Riacho Ase e da Ponte Akpuke. Muitos moradores dessas comunidades tornaram-se participantes em tempo integral no comércio e cresceram substancialmente ricos antes do fim da guerra por sua ousadia e empreendimento (Otuya 2011, Entrevista). O surgimento de jovens como grandes comerciantes e homens ricos no final da guerra em certas comunidades de Anioma é rastreável ao comércio inter-guerra entre o povo Anioma e Biafra. O Chefe Olise nos informou que um conhecido milionário nigeriano cujo nome ele mencionou, mas implorou para ser mantido longe das comunicações oficiais, trabalhou com ele e aprendeu sobre negócios neste comércio. Ele disse que sua experiência e riqueza acumulada estabeleceram as bases para seu status atual (Olise 2010, Entrevista). Em Ibusa, dois jovens que participaram ativamente do comércio e se tornaram grandes comerciantes no final da guerra ainda são chamados de *Nmgbuka* até hoje. Esse nome derivado de seu envolvimento no comércio sobrepôs-se aos seus nomes reais (Aniedue 2010, Entrevista).

O surgimento de Boji-Boji Owa (erroneamente referido como Agbor diferentemente de Agbor Obi) como o centro comercial nevrálgico do território de Aniomaland até Asaba emergir como capital do Delta em 1991,

data da guerra civil, e o papel de Boji-Boji Owa no comércio entre o povo Anioma e Biafra. Quando o mercado de Onitsha foi queimado por tropas federais em 12 de outubro de 1967, Agbor foi um dos principais beneficiários desse incidente. É preciso dizer que as exigências de guerra tornaram mais vitais os laços econômicos entre Anioma e a antiga Região Oriental. O bloqueio econômico imposto a Biafra ficou mais severo à medida que a guerra se arrastava e ficou crítico com a destruição do mercado de Onitsha e suas toneladas de mercadorias que teriam ajudado a sobrevivência de Biafra nas profundezas da guerra. A queda de Onitsha em março de 1968 piorou as coisas. As necessidades básicas da vida tornaram-se escassas e os comerciantes de Biafra sitiaram as áreas ribeirinhas de Anioma, na margem ocidental do Níger, em busca de mercadorias para ajudar na sobrevivência de Biafra. Os comerciantes de Anioma responderam à atração de lucro, indo atrás das linhas do fronte para obter itens necessários para os comerciantes de Biafra para transportar para casa a taxas exorbitantes.

Foi assim que Agbor entrou em cena como um lugar para a aquisição de mercadorias para Biafra e outras partes do território de Aniomaland durante a guerra civil. A escassez de itens essenciais em Anioma a leste de Agbor e Biafra promoveu o comércio e Agbor emergiu como o maior mercado de Anioma durante e após a guerra. Dada a sua localização geográfica ser próxima de Warri e a Cidade do Benim, nenhuma outra cidade em Anioma poderia competir favoravelmente com ela na luta pelos deveres impostos a ela pela guerra. Obiarukwu era uma concorrente fraca por causa de sua posição ser acessível apenas aos mercados de Ndosimili e Ukwuani. Agbor desfrutou de uma posição que ajudou seu surgimento como o mercado de guerra e o centro nevrálgico do pós-guerra de Aniomaland. O boom econômico testemunhado por Agbor teve efeitos multiplicadores em outras facetas da vida da comunidade.

## Conclusão

*Ashia Ataak* era importante para Biafra, pois era essencial para sua sobrevivência. Para as autoridades federais, no entanto, parar o comércio era parte integrante para ganhar a guerra. O comércio, para Anioma, representava uma espada de dois gumes. Por um lado, colocou muita riqueza nas mãos dos participantes. Também promoveu atividades empresariais e comerciais que reformularam o mapa socioeconômico do território de Aniomaland. Por outro lado, no entanto, foi bastante ruinoso, pois interrompeu a vida de muitos jovens que tentaram participar do comércio. Muitos deles morreram.

O número exato permanece desconhecido, pois nenhum censo sobre isso foi realizado. Tentar parar o comércio deu uma aparência totalmente nova à guerra, como simbolizado pelo saque da cidade de Anioma, Isheagu. É perceptível que o comércio foi uma grande contribuição do povo Anioma para o prolongamento da vida de Biafra. A bravura demonstrada pelos Anioma no comércio era um aspecto da luta por Biafra sem portar armas. Para alguns deles, o sentimento de empatia por seus amigos e parentes de Biafra presos na guerra foi um fator importante. Para alguns, a atração de lucros fantásticamente enormes era muito tentadora para se resistir. Para outros ainda, foi uma combinação de ambos.

## REFERÊNCIAS

### *Entrevistas*

- Agunyai, Okonkwo Hypolite (Nascido em 1934), Funcionário Público Aposentado, Ibusa, 22 de abril de 2005.
- Aniedue, Fidelis (Nascido em 1954), Empresário, Ibusa, Nigéria, 26 de dezembro de 2010.
- Dike, J.U. (Nascido em 1933), Diretor aposentado, Utagba-Ogbe (Kwale), Nigéria, 4 de agosto de 2008.
- Ofli, Alice (Nascida em 1940), Trader, Isheagu, Nigéria, 29 de dezembro de 2009.
- Okoh, Emmanuel Ofili (Nascido em 1940), Diretor aposentado, Illah, Nigéria, 1.º de dezembro de 2012.
- Olise, Enebeli (Nascido em 1940), Diretor aposentado, Iselegu, Nigéria, 30 de outubro de 2010.
- Otuya, Paul (Nascido em 1935), Empresário, Utagba-Ogbe (Kwale), Nigéria, 3 de julho de 2011.
- Oyana, F.U. (Nascida em 1944), Funcionário Público aposentado da Cidade de Benin, Nigéria, 9 de novembro de 2007.
- Nwose, Achasia (Nascida em 1939), Comerciante, Issele-Uku, Nigéria, 8 de abril de 2009.
- Unoshai, Pius (Nascido em 1934), Líder Comunitário, Isheagu, Nigéria, 27 de dezembro de 2009

Livros, Artigos e Outros



- Aboyade, Oyetunji and Allison Ayida. 1971. "The War Economy in Perspective." *Nigerian Journal of Economic and Social Studies* 13, no. 1: 15-37.
- Achuzia, Joe O.G. 1986. *Requiem Biafra*. Lagos: Steel Equip Ltd.
- Afigbo, Adiele. 1981. "The Beni Mirage and the History of South-Central Nigeria." *Nigeria Magazine*, no. 37: 17-24.
- Adisa, F.O. 1984. "The Civil War, the Economy and Nigerian Foreign Policy." *Odu*, 25: 93-104.
- Akeh-Osu, Chris Afumata. 1992. *The History of Great Isi-Ile-Uku (Issele-Uku) Kingdom*. Onitsha: Etuokwu Press.
- Akpan, Ntiyong U. 1976. *The Struggle for Secession: A Personal Account of the Nigerian Civil War*. London: Frank Cass.
- Alabi-Isama, Godwin. 2013. *The Tragedy of Victory: On-the-Spot Account of the Nigeria-Biafra War in the Atlantic Theatre*. Ibadan: Spectrum Books.
- Anwunah, Patrick. 2007. *The Nigeria-Biafra War, 1967-1970: My Memoirs*. Ibadan: Spectrum Books.
- Chuku, Gloria I. 2002. "Biafran Women Under Fire: Strategies in Organising Local and Trans-Border Trade During the Nigerian Civil War." In *The Nigerian Civil War and its Aftermath*, editado por Osaghae, Eghosa, Ebere Onwudiwe e Rotimi T. Suberu, 135-145. Ibadan: John Archers.
- Daily Times* (Nigeria). 1967. May 20, 1967.
- de St. Jorre, John. 1972. *The Nigerian Civil War*. London: Hodder and Stoughton.
- Dieyi, Dan Olisa. 1992. *The Realities and Values of the Anioma Identity*. Lagos: Danfejim International.
- Dike, Kenneth O. 1956. *Trade and Politics in the Niger Delta*. London: Oxford University Press.
- Egwu, Joseph Nnabugwu. 2009. "The Marginality of the Anioma in Nigeria." *Anioma Essence* 1, no. 5: 18-21.
- Ejiofor, Lambert U. 1982. *Igbo Kingdoms, Power and Control*. Onitsha: African Publishers.
- Ekechi, Felix K. 1971. *Missionary Enterprise and Rivalry in Igboland, 1857-1914*. London: Frank Cass and Co.
- Enemoh, John. "Groundwork History of Asaba". (Unpublished Manuscript).

- Ijomah, J. Okoro. 2010. *Igbo Origins and Migrations*. Nsukka: Great AP Express Publishers.
- Isichei, Elizabeth. 1976. *A History of the Igbo People*. London: Macmillan Press.
- Madiebo, Alexander. 1980. *The Nigerian Revolution and the Biafran War*. Enugu: Fourth Dimension Publishers.
- Nafziger, E. Wayne. 1972. "The Economic Impact of the Nigerian Civil War." *Journal of Modern African Studies* 10, no. 2: 223-245. <https://doi.org/10.1017/S0022278X00022369>.
- Nigerian Observer* (Nigeria). 1968. June 8, 1968.
- Nigerian Observer* (Nigeria). 1968. July 9, 1968.
- Nwanne, Ben. 2004. *Ika: The Land and its People*. Lagos: Up and Doing Publishers.
- Nwaokocha, Odigwe A. 2019. "Biafran Enclaves and Militia Activities in Mid-Western Nigeria, 1967-1970." *Igbo Studies Review*, no. 7: 103-119.
- Obasanjo, Olusegun. 1980. *My Command: An Account of the Nigerian Civil War, 1967-1970*. Ibadan: Heinemann.
- Ogbemudia, Samuel O. 1991. *The Years of Challenge*. Ibadan: Heinemann.
- Ogbudimkpa, Reuben N. 1985. *The Economics of the Nigerian Civil War and its Prospects for National Development*. Enugu: Fourth Dimension Publishers.
- Ohadike, Don C. 1991. *Ekumeku Movement: Western Igbo Resistance to British Conquest of Nigeria, 1883-1914*. Athens Ohio: Ohio University Press.
- \_\_\_\_\_. 1994. *Anioma: A Social History of the Western Igbo People*. Athens, Ohio: Ohio University Press.
- Okigbo, P.N.C. 1989. "The Economics of the Civil War: The Biafran Experience." In *Nigeria Since Independence, The First 25 Years: The Civil War Years*, editado por Tamuno, T.N. e S. C. Ukpabi, 201-212. Ibadan: Heinemann Educational Books.
- Okocha, Emma. 1994. *Blood on the Niger: An Untold Story of the Nigerian Civil War*. Washington DC: U.S.A. Africa.
- \_\_\_\_\_. 2012. *Blood on the Niger: The First Black-On-Black Genocide*. New York: Gomsam Books.
- Onyekpeze, F. A. 2003. *An Outline of the Culture and Socio-Economic Interest of the Ika Nation*. Agbor: Krisbec Publications.

- Osia, Kunirum. 2012. "Anioma Ethnic Identity." In *Anioma in Contemporary Nigeria: Issues of Identity and Development*, editado por Osia, Kunirum, 1-22. Ibadan: Bookbuilders.
- Talbot, Percy A. 1969 edn. *Peoples of Southern Nigeria* (4 Vols.). London: Frank Cass.
- Uchendu, Egodi. 2007. *Women and Conflict in the Nigerian Civil War*. Asmara, Eritrea: Africa World Press.

## RESUMO

Muito foi escrito sobre a guerra Nigéria-Biafra que durou de 1967 a 1970. No entanto, pouca atenção foi dada a uma parte muito importante, mas quase esquecida dessa guerra. Isto é, o comércio que ocorreu entre o povo Anioma do lado da Nigéria e Biafra através do rio Níger. Foi chamado de "*ashia attack*" ou "*comércio de ataque*". O comércio desempenhou um papel muito importante no prolongamento da sobrevivência de Biafra, uma vez que as mercadorias essenciais foram transportadas através do Níger em um comércio que se mostrou muito lucrativo para os comerciantes de ambos os lados. O comércio foi rotulado de clandestino porque foi proibido pelas autoridades federais enquanto era incentivado pelas autoridades de Biafra e desafiado pelo bloqueio econômico tocado ao seu redor pelo primeiro. A negligência deste importante fenômeno na guerra Nigéria-Biafra, particularmente de uma perspectiva de Anioma, representa um vazio que precisa ser preenchido para que alguns detalhes mais finos da guerra sejam compreendidos. É importante para ajudar a unir alguns fatos para fazer uma explicação mais profunda dos aspectos da guerra. Ao realizar essa tarefa e empregando fontes principalmente orais, este artigo destaca e discute a dinâmica do comércio; sua grande importância na guerra Nigéria-Biafra que lançou a população Igbo da Nigéria contra os outros grupos étnicos nigerianos, bem como as consequências do comércio para os Anioma.

## PALAVRAS-CHAVE:

Anioma. Centro-Oeste. Guerra Nigéria-Biafra. Comércio Transfronteiriço. *Ashia Ataak*.

Recebido em 3 de maio de 2021  
Aceito em 24 de junho de 2021

Traduzido por Juliana Lobato